

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JUÍNA, A RAINHA DA FLORESTA: UMA HISTÓRIA SOB O OLHAR RIKBAK TSA

Autora: Patrícia Itaibele Gomes Pereira

Orientadora: Prof^a. Ma. Marina Silveira Lopes

**JUÍNA
2015**

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JUÍNA, A RAINHA DA FLORESTA: UMA HISTÓRIA SOB O OLHAR RIKBAKTSA

Autora: Patrícia Itaibele Gomes Pereira

Orientadora: Prof^a. Ma. Marina Silveira Lopes

“Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Pedagogia do Instituto Superior de Educação da AJES, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia”.

JUÍNA

2015

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Aline Fernanda de Sávio Leite

Prof^a. Ma. Denise Peralta Lemes

ORIENTADORA
Prof^a. Ma. Marina Lopes de Oliveira

JUÍNA

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço a realização desse trabalho primeiramente ao Deus que se manifesta em tudo e em todos de diversas formas, que é mãe ao gerar o dom da vida. Ao Espírito que sopra onde quer e como quer e que se manifesta na diversidade. A todos os seres gerados pela Mãe Terra, que devem ser considerados irmãos.

A toda minha família que me apoiou e deu suporte necessário em todos os momentos de dificuldades e incertezas, que me ensinou a valorizar a vida e o que dela é oferecido. Ao amigo Lôro que me desestressou e muitas vezes subiu no teclado do computador, me lembrando que de vez em quando é preciso dar uma pausa e respirar, parar para olhar a beleza da vida para depois ter energia para continuar. A minha madrinha Márcia que incentivou e sonhou comigo esse sonho que está sendo realizado.

A querida Pastoral da Juventude, que me motivou e desafiou a realizar um Projeto Pessoal de Vida que valorize a vida e a dignidade humana. Que me coloca em caminhada e me faz pisar firme no chão da nossa realidade. A essa PJ querida, agradeço o sabor da vida, o sonho de construir um mundo melhor, de caminhar rumo a Civilização do Amor.

Aos meus amigos, que me apoiaram e me ajudaram nos momentos de dificuldades e dúvidas. Ao querido Adilson, que me desafiou e que esteve sempre apoiando as escolhas feitas, mesmo no silêncio falava como agir e questionava as escolhas, compartilhou angústias e desânimos, motivou e desafiou.

Ao meu amado Hilário Dick que me enlouqueceu e me pôs várias dúvidas. Que me ouviu e compartilhou desse trabalho, que esteve muito próximo e pode sentir comigo o nascimento desse projeto. A querida Ir. Penha Andreon, a quem agradeço pela formação dada e pelos conselhos que me motivaram muito, que deu a base para a construção desse projeto, lhe agradeço os puxões de orelha, os grandes momentos de conversa, que saudades minha Preta Amarela.

As minhas queridas amigas da turma de Pedagogia, Malala como estrela na terra. Que me ensinaram a valorizar o trabalho em equipe, a se motivar e motivar o grupo. A essas lindas agradeço imensamente às loucuras e trabalhos inovadores e

fora do comum. Em especial a Edicleuma e Sandra que partilharam as angústias da realização desse trabalho.

Agradeço aos professores que estiveram junto conosco durante toda a caminhada acadêmica e que nos motivou a sermos professoras que façam a diferença e tomemos posturas da Educação Libertadora. Em especial a professora Aline Sávio, que se tornou uma querida amiga e motivadora nessa caminhada.

Agradeço especialmente a minha orientadora, professora Marina Silveira Lopes, que considero um ser humano incrível e uma excelente professora, amiga, profissional. Sempre do meu lado, fazendo-me olhar o outro com um novo olhar.

Aos amigos queridos da etnia Rikbaktsa, em especial ao Paimy, que possibilitaram a realização dessa pesquisa, que compartilharam suas angústias e desafios, mostraram sua forma comunitária de viver e relacionar-se com o meio ambiente e com o outro. E que mostraram que há esperança na construção de um mundo melhor.

Ao querido amigo Pe. Balduino que inspirou esse trabalho, pela sua doação junto aos Rikbaktsas. Sua vida é inspiração a todos “todo sopro que apaga uma vela, reacende o que for pra ficar” (O Teatro Mágico).

Enfim, a todos meus agradecimentos. Esse trabalho é fruto nosso cada um de vocês está nele.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais e minha irmã a quem amo muito. Ao Adilson a quem admiro e que me incentiva. Aos Rikbaktsa que mostraram a simplicidade de ser humano

EPÍGRAFE

“Minha palavra é como as estrelas, elas não empalidecem. Como pode-se comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal idéia é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do brilho da água. Como pode então comprá-los de nós? Decidimos apenas sobre as coisas do nosso tempo. Toda esta terra é sagrada para o meu povo. Cada folha reluzente, todas as praias de areia, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na crença do meu povo.

Cacique Seattle, Suquamish

RESUMO

A história de Juína é composta por diversos atores sociais que contribuíram e contribuem para sua formação cultural. Durante muito tempo fora ouvida apenas a narração dos fatos advindos do colonizador, este oriundo de várias regiões brasileiras, as quais pontuam as dificuldades enfrentadas em meio à floresta Amazônica e como construíram o município. Junto a essa história, tem a que advém do indígena que sofreu esse processo colonizador e perdeu muito com esse contato. Nesse trabalho procuramos mostrar a história narrada pelos índios Rikbaktsa, habitantes do noroeste de Mato Grosso, atualmente nas cidades de Brasnorte, Juara e Cotriguagú. Poucos grupos indígenas puderam registrar sua história pelo Brasil, haja vista, os Rikbaktsa não puderam escrever suas narrações dos fatos ocorridos ao longo das décadas, já que não havia a prática da escrita e/ou eram impedidos de fazê-lo. O modelo exploratório usado em Juína ocasionou a morte de vários indivíduos dessa etnia, bem como a perda fundamental de grande parte de sua cultura milenar. Os conflitos deram-se de forma desigual, armas de fogo contra flechas, há ainda o episódio do Internato Utiariti em Diamantino, para onde foram levados vários Rikbaktsa que eram impedidos de manifestar sua cultura, principalmente a utilização do idioma. O território Rikbaktsa fora reduzido bruscamente e atualmente vem sofrendo ameaças externas com a expansão do agronegócio, criação de gado e a construção de Pequenas Centrais Hidrelétricas PCHs, próximas às aldeias e ao longo do Rio Juruena. Por meio das entrevistas realizadas ao longo do trabalho observamos a riqueza das narrativas Rikbaktsa e como essa etnia continua sofrendo com a discriminação advinda do não-índio que desconsidera a sua contribuição na formação cultural juinense. Percebe-se ainda, que grande parte do território juinense pertenceu aos índios Rikbaktsa e mesmo depois de trinta e três anos de emancipação política, o juinense vê o indígena como distante, ou não pertencente ao município.

Palavras-chave: Rikbaktsa, História Rikbaktsa, História Oral, Juína

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do território Rikbaktsa.....	37
Figura 2 - Pe. Balduino junto aos Rikbaktsa.....	43
Figura 3 - Pe. Balduino no Rio Juruena.....	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O ROMANTISMO EUROPEU DO SÉCULO XIX SOBREVIVE NA AMAZÔNIA CONTEMPORÂNEA.....	13
3 JUÍNA: A HISTÓRIA QUE TODOS CONHECEM	17
4 A ORALIDADE QUE ALIMENTA A VIDA	21
5 JUÍNA VISTA DE MAIS PERTO: A HISTÓRIA NÃO DOCUMENTADA, OUTRA VERSÃO	23
5.1 COLONIZAÇÃO NÃO VEIO PERGUNTAR: DE QUEM É ESSA TERRA?	26
5.2 PROCESSO PACIFICADOR	29
5.3 INTERNATO UTIARITI: NA MALOCA, A GENTE NÃO SABIA O QUE ERA PUXÃO DE ORELHA	31
6 ORALIDADE, O ALIMENTO DA CULTURA	35
6.1 OS RIKBAK TSA, A HISTÓRIA DE UM POVO GUERREIRO	37
7 PADRE BALDUÍNO: O JESUÍTA RIKBAK TSA.....	42
8 CONCLUSÃO - FUTUROS DA RESISTÊNCIA RIKBAK TSA.....	48
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

A história do município de Juína é composta por vários atores sociais que a narram de maneiras diferentes de acordo com as próprias experiências e visões de mundo que estão inseridos. Durante a década de 70 principalmente, ocorreu um forte movimento coordenado pela CODEMAT – Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso de migração às terras que tornar-se-iam futuramente Juína, a Rainha da Floresta. De várias regiões do país, vieram os chamados pioneiros que aqui se estabeleceram e fizeram seu lar.

Atualmente há um apelo, no município, do resgate histórico, um sentimento nacionalista em que coloca os desbravadores, pioneiros como heróis da selva Amazônica, que alude aos movimentos românticos europeus do século XIX. Há, entre eles, personagens conhecidos como Hilton Campos, Orlando Pereira, Ozias Cândido, Lídio Ioris, Jesuíno Tavares da Cruz (Bodinho) e etc. Ao longo das décadas, as tradições, costumes e religiões que vieram com os colonizadores perduraram e construíram a cultura miscigenada juinense, com elementos sulistas, sudestinos, nordestinos e indígenas.

Na última década, muitos pioneiros passaram a ser ouvidos e narraram as dificuldades que enfrentaram ao chegar à região. Há alguns, já em idade avançada, que acabam falecendo causando grande comoção e certo sentimento de perda desta história de colonização. Porém, é importante salientar que Juína possui uma história rica de elementos e culturas. Quando os pioneiros chegaram, a região já era habitada por diversos grupos étnicos, dentre eles destacam-se: os Enawê-Nawê, Rikbaktsa e os Cinta-Larga. Suas culturas mantinham uma relação íntima com o meioambiente, tendo as suas próprias histórias. Construídas e transmitidas oralmente ao decorrer dos séculos aos mais jovens.

Em pleno século XXI, poucos grupos indígenas puderam registrar sua história pelo Brasil. Isso não difere da situação de Juína que com trinta e três anos de emancipação, ainda é pobre de registros históricos provenientes desse grupo, ocasionando sua perda ao longo do tempo. Para a maioria da população, o índio ainda é considerado um indivíduo à margem do desenvolvimento, ainda não civilizado. Assim, esse olhar histórico, que pretendemos abordar, ao longo do

trabalho permite que haja um registro de sua história, sob o olhar do distante¹, o índio.

A Escola de Annales trouxe a despolarização das narrativas históricas, ou seja, a história não é feita somente, pelos heróis e estrategista, é feita também, por aqueles, que lutam e muitas vezes morrem por aquilo que acredita. Assim, o processo que oculta ou desconsidera parte de seus atores sociais é falho ao que tange a proximidade da veracidade histórica.

No caso de Juína, grande parte dos fatos não foi registrado, por conta do distante não possuir a prática da escrita e o mesmo não poder registrar suas experiências durante o processo de exploração. Visa-se resgatar esses valores e narrativas a fim de enriquecer o registro histórico, disponibilizando esse material aos acadêmicos, aos professores, ao público em geral e à própria população Rikbaktsa sendo primordial dar respaldo ao grupo pesquisado.

Assim, este trabalho foi realizado junto à etnia Rikbaktsa, que atualmente reside os municípios de Juara, Cotriguaçu e Brasnorte a noroeste do Estado de Mato Grosso, com o intuito de descobrir como foi o processo colonizador junto à etnia Rikbaktsa.

A pluralidade é marcante na identidade do brasileiro. E é ela que vai nortear essa análise histórica. Partindo da necessidade de contar a história por seus diversos atores, as narrativas Rikbaktsa são fundamentais nesse processo construtivo. Tendo em vista a existência de vários conflitos durante esse processo, este que gera principalmente, a perda de parte fundamental da história, bem como o grande preconceito sobre a realidade indígena.

Pretendemos resgatar por meio da oralidade, relatos da etnia Rikbaktsa que contribuam na construção do registro histórico municipal, valorizando o patrimônio sociocultural local e seus narradores. Propiciar, a partir de narrativas e contos populares, o conhecimento da história local do município; conhecer a diversidade

¹O Renascimento impulsiona a exploração de novos espaços desconhecidos, ocasionando a descoberta do Novo Mundo. Surgem dessa forma, os discursos acerca dos habitantes que os povoavam: selvagens, primitivos. As primeiras observações sobre os povos "distantes" são as feitas pelos primeiros viajantes e os relatórios dos missionários. "Os grandes questionamentos sobre os habitantes eram: aqueles que acabaram de serem descobertos pertencem a humanidade? O critério essencial para saber se convém atribuir-lhes um estatuto humano, é nessa época, religioso: O selvagem tem uma alma?" (LAPLANTINE, 2003, p. 25)

cultural que compõe a atual sociedade juinense; entender o processo colonizador e suas conseqüências junto ao povo pesquisado.

A pesquisa mostra resultados alcançados a partir de um aprofundamento bibliográfico e entrevistas realizadas com os Rikbaktsa durante os meses de março e abril de 2015. Foram entrevistados seis indígenas, sendo uma anciã, um jovem, e dois anciãos com idades que variam entre 25 a 64 anos. Dois deles foram os primeiros a serem contatados pela missão Jesuíta liderada pelo Pe. João Evangelista Dornstauder. Todos foram entrevistados utilizando a metodologia da História Oral, a qual possibilita ao entrevistador falar diretamente com a fonte histórica, podendo o entrevistador conhecer a história à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou testemunharam.

Dessa forma, analisando a complexidade do tema a ser abordado, é importante levantar as seguintes questões que ao longo da monografia, pretendem ser respondidas:

É possível contar a história de Juína a partir do olhar distante? Qual o olhar da etnia Rikbaktsa sobre a formação do município? Como foi essa troca de culturas tão distintas entre si?

Para a confluência dessas indagações, trabalhamos com as seguintes hipóteses: a visão indígena sobre a formação de Juína é diferente da que é contada pelos pioneiros, pois a mesma é a visão de quem foi oprimido pelo processo. E, a visão Rikbaktsa a cerca da formação do município de Juína é a mesma narrada e registrada pelos pioneiros, não havendo dessa forma, um processo de opressão e sim de aculturação da etnia.

2 O ROMANTISMO EUROPEU DO SÉCULO XIX SOBREVIVE NA AMAZÔNIA CONTEMPORÂNEA

Os primeiros relatos sobre os chamados índios nas terras do Novo Continente foram feitos por Pero Vaz de Caminha (1500) destinados ao rei de Portugal no século XVI. A Carta de Caminha dizia: “pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas.” Eles foram, pois, descritos como selvagens, e esta imagem do índio povoava o imaginário europeu.

A construção da imagem do índio dá-se de forma carregada de sentimentos, emoções e fantasias poéticas, Laplantine (1996, p. 9) aborda que, “o processo do imaginário constitui-se da relação entre o sujeito e o objeto que percorre desde o real, que aparece ao sujeito figurado em imagens, até a representação possível do real”, sendo ela uma reconstrução do real a partir das experiências oriundas de quem a produz, das lembranças que o europeu trazia de suas flores, animais, lendas e experiências pessoais.

Os índios sofreram muito com o processo colonizador, perdendo seus territórios, sua língua materna, seus guerreiros, seus rituais e etc. Com o propósito de explorar o Novo Mundo e tirar tudo o que podia para integrar as riquezas da coroa, os portugueses foram incansáveis na exploração.

O processo de educação acontecera com a Missão Jesuíta, comandada pelo Padre Manuel da Nóbrega. Seguindo os padrões exploratórios do colonizador, os jesuítas tinham como missão a catequização dos índios visto que a religião oficial no mundo era o Catolicismo, conforme Carvalho, Santos e Lopes (2008) *apud* Oliveira (2011, p.15): “os jesuítas queriam aprender a língua dos índios para poder manipulá-los, a escola indígena tinha a função de transformar a comunidade por meio de regras e padrões impostos, modificando seus costumes e principalmente a linguagem”.

Era vantajoso a Portugal, pois facilitava o processo de exploração e invasão dos territórios indígenas. Durante os chamados “tempos heróicos” (1549-1570),

eram organizados os recolhimentos², onde os órfãos, os indígenas e os filhos de colonos europeus, eram educados segundo o padrão educacional europeu.

Ainda sobre os recolhimentos, Mattos (1958), *apud* Zotti (2004, p.16) discorre, afirmando que “para Nóbrega os recolhimentos eram agências de democratização, aproximando as “raças”, alicerçando nessa unidade espiritual e educacional a futura unidade política da nação”.

Por muito tempo, o conceito de raça serviu como discurso científico para explicar as diferenças físicas humanas. Porém Gilroy (1998) *apud* Guimarães (2002, p. 48), um dos maiores intelectuais negros da atualidade que luta contra o racismo, pontua que “no tocante espécie humana, não existe raças biológicas (...), o conceito “raça” é parte de um discurso científico errôneo e de um discurso político racista, autoritário e antidemocrático”. A contínua utilização desse termo serve para a manutenção do racismo já existente contra o negro e o índio; todos fazem parte de uma única raça, a raça humana, o *homo sapiens* moderno.

Antes mesmo da vinda dos europeus ao Novo Mundo, o Brasil já era rico em diversidade, habitado por diversas etnias ao longo de milhares anos. Sofreu de forma impactante o processo exploratório que se resumia em criar uma hegemonia cultural, etnocêntricaeuropeia. Ao longo dos séculos, vários intelectuais escreviam a respeito dos habitantes “descobertos”. Para Laplantine (2003, p.52), “o século XVI descobre e explora espaços até então desconhecidos e tem um discurso selvagem sobre os habitantes que povoam esses espaços(...) no século XVII, esse discurso se organiza no século XVIII: ele é “iluminado” à luz dos filósofos(...)”.

Durante o final do século XVIII e boa parte do século XIX, na Europa, surge um movimento que mexeu com o mundo, o Romantismo. Trazendo mais especificamente o nacionalismo como característica predominante, carrega os mitos de conquistas territoriais e ascensão de heróis, principalmente medievais, no imaginário geral. Os mitos sempre estiveram presentes junto à humanidade. São histórias que nascem para orientar a vida humana e indicam valores. O autor

² Os recolhimentos serviam de internato para crianças órfãs indígenas de várias etnias, onde eram tratadas como se fosse papel branco no qual os jesuítas escreviam. Aos adultos era pregada a Palavra, às crianças eram ensinadas as primeiras letras e a catequese. O uso da língua era proibido, assim como os demais elementos culturais indígenas. Para os brancos, eram pregações na Igreja e atendimento aos doentes.

Keleman (2001, p. 27), afirma que “um mito expressa uma visão do mundo social e pessoal, expressa a cosmologia”.

Desde a antiguidade a humanidade busca responder a questões universais como: de onde viemos? Quem somos? dentre outras. Os mitos são maneiras de responder essas indagações, tendo como exemplos os mitos criacionistas ou de heróis épicos de várias culturas. Ele trata ainda dos papéis familiares, dos conflitos, de como o indivíduo deve comportar-se na vida social. Keleman ainda diz que, “um mito ajuda a ordenar as experiências maiores da vida, como lealdade, sexualidade, morte”, presentes no cotidiano humano. Com o Romantismo, vários deles foram resgatados, como as histórias de cavaleira, do Rei Arthur, entre outros.

O autor Magnoli (1997, p.15) diz que “na segunda metade do século XIX, o pensamento histórico e filosófico europeu enxergou, no fato nacional, a realização de uma finalidade de ordem natural.” Esse pensamento nacionalista foi o que ascendeu a unificação de vários países na Europa e a própria Revolução Francesa. Na França Iluminista, “esse padrão romântico desempenhou funções significativas na produção de discursos históricos que combinaram engenhosamente as noções constantes de continuação e ruptura” (MAGNOLI, 1997, p.18).

No Brasil, isso ocorre primeiramente no período colonial, onde Portugal fica encantado com as belezas naturais exóticas, tira das terras brasileiras as suas riquezas como recompensa pela descoberta e adentra mais e mais o território apropriando-o à colônia portuguesa. Com a Independência do Brasil, no século XIX, percebe-se novamente essa visão romântica do nacionalismo, de acordo com Magnoli (1997, p.294-sic); “a política brasileira orientou-se pelo imperativo de construir nação”, de construir seu território e conquistar o que é seu por direito.

Em meio a esse “construir nação”, temos o índio que começa a ser usado como símbolo nacional, uma visão romântica do Brasil que exalta as suas peculiaridades, características que o diferenciava de Portugal. Visto como exótico diferente e próprio do país, o índio torna-se tema para romances brasileiros.

É possível observar em *Iracema, a virgem dos lábios de mel* de José de Alencar (1865) *apud* Silva (2003), o ideal de beleza e comportamento do índio, “Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.” Falando desse resgate

romântico, Ortiz (1986, p.14) salienta como característica o “gosto pelo bizarro, por aquilo que se difere” de elementos próprios da cultura popular, o gosto pelo peculiar. Na Europa eram os camponeses e lendas antigas, já no Brasil, há a elevação do índio para símbolo nacional. Leite (2007, p. 67) salienta ainda, “um símbolo de características positivas, ou de modelo de comportamento ideal” que deve ser passado para as crianças e para o mundo.

3 JUÍNA: A HISTÓRIA QUE TODOS CONHECEM

O governo de Vargas retomou o movimento de colonização do Brasil durante a década de 1930, sendo a Marcha para Oeste um dos principais movimentos. Essa campanha foi de incentivo à migração para áreas consideradas sem donos, sem civilizados, tendo como finalidade a produção rural em terras férteis no interior do país e esvaziamento dos grandes centros urbanos.

Muitos intelectuais da época apoiaram a expansão da colonização e defendiam a tese que o bandeirante inaugurou a “democracia do Brasil” já que contava com a participação das três etnias que compõem a população brasileira desempenhando seus devidos papéis: o europeu, que tinha a habilidade de liderar; o índio, que conhecia os caminhos e ia à frente abrindo passagem; e o negro, que com a sua força carregava os mantimentos pesados mata adentro. Dizia-se que “este grupo teria, além de inaugurar a democracia, fundado a legitimidade do estado forte no Brasil.” (PRADO, 1995, p. 7)

O processo ocorrido no município de Juína assemelha-se ao resto do país. Iniciando pelo Ciclo da Borracha, os seringueiros chegavam pelos rios Aripuanã e Juruena e constantemente entravam em confronto com os habitantes do local. Durante a década de 1970, a CODEMAT, ficou responsável pelo loteamento da área. As terras eram vendidas a preços baixos, com a obrigação de se produzir nelas. Sua economia baseava-se, primeiramente, na extração mineral e vegetal e na produção rural, integrada ao sistema econômico brasileiro.

O Governo entregava aos donos as terras limpas, ou seja, livres de índios. Muitos indígenas foram massacrados de forma brutal. Conforme Ioris (2009, p.16) narra, “conseguiram exterminar, até os anos 50, todas as tribos indígenas da margem esquerda do Juruena e margem direita do alto rio Aripuanã”. O nome dado ao município, antes conhecido como Rainha da Floresta, advém de uma narrativa que conta o massacre sofrido pelos Cinta-Larga³, na qual a índia Juyná fora

³Na década de 1950, as operações para “limpar a área” de influência de povos indígenas tomaram proporções inimagináveis. Quase todas as aldeias do povo iamé Cinta-Larga) foram exterminadas, especialmente as que habitavam áreas entre os rios Juruena e Aripuanã. Os Cinta-Larga dos rios Aripuanã e Roosevelt tem este nome por usarem uma faixa de entrecasca de árvore ao redor da cintura. Na década de 1950 esse povo somava perto de 5 mil pessoas e suas aldeias eram descritas como verdadeiras “cidades de palha”. Um desses massacres tomou a denominação de “Massacre do Paralelo Onze”, promovido pela empresa “Arruda e Junqueira”. A ação repercutiu na imprensa

assassinada brutalmente fazendo com que a população local batizasse um dos afluentes do Juruena com o nome de Juyná Mirim.

Os colonizadores são conhecidos e aclamados como desbravadores corajosos que habitavam em alojamentos improvisados e arriscavam-se nas terras desconhecidas, cheias de perigos como grandes carnívoros, animais peçonhentos, falta de estradas, dificuldades de comunicação, região úmida e de terras enlameadas, alojamentos e primeiras casas de lona e, em seguida, de madeira retirada da mata, dormindo em tarimbas - camas improvisadas, altas, para dificultar a escalada de animais perigosos. Mantendo as esperanças nas novas terras, a maioria era oriunda das regiões Sul e Sudeste, e vinham com suas famílias e estabeleciam-se no novo município.

Padre Duílio Liburdi, da Congregação dos Oblatos de São José, da Diocese de Ji-Paraná Rondônia⁴, chegou à Juína em 1979. Iniciou a Pastoral da Saúde devido à presença de médicos ser escassa e apoiou a organização da AJOPAM (Associação Organizada para Ajuda Mútua). Visitava com frequência as comunidades, testemunhou e foi vítima de atentados contra posseiros que não pertenciam a CODEMAT. “Os maiores focos de tensão entre o Pároco (...), e a empresa colonizadora foram as questões relacionadas à terra.” (NETO, 2005, p.3). A empresa mantinha um grupo de pistoleiros altamente armados para impedir a ocupação dos lotes.

O decreto de emancipação de Juína foi assinado no dia 09 de maio de 1982, estando presentes cerca de quatro mil pessoas. Em seu discurso, o Governador Frederico Carlos Soares Campos fala dos filhos dos colonos dizendo, “que tinha impressão de estar num país estrangeiro, vendo tantas crianças de olhos azuis e se sentia orgulhoso de ser governador de tantos migrantes ordeiros, trabalhadores, que chegaram para desbravar e enriquecer o Estado” (IORIS, 2009, p. 35).

As primeiras eleições foram em 1982, com Hilton Campos e Orlando Pereira como principais candidatos. Ioris (2009) coloca Padre Duílio como adversário de Hilton Campos, devido às lutas pela terra. “Por causa disso o Hilton, que cumpria

internacional, gerando severas denúncias de genocídio de índios no Brasil. Disponível em Portal do Mato Grosso > <http://www.mteseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=333&cid=17750> Acesso 16, mai, 2015.

⁴Nessa época, Juína pertencia ainda a Diocese de Ji-Paraná, sendo seu bispo Dom Antônio Possamai.

ordens da CODEMAT, adquiriu um grande adversário, o Padre Duílio. Este lutou muito para derrotar o gerente do projeto.” (IORIS, 2009, p.44). Em janeiro de 1983, assumiu o primeiro prefeito eleito de Juína, Orlando Pereira.

A economia da cidade firmou-se com a agropecuária na produção de café, guaraná, extração das seringueiras, criação de animais, entre outras. A exploração da mata foi forte durante esse período o que ocasionou a instalação de várias serrarias pela cidade. No final da década de 1980, o garimpo tomou força e o índice migratório, oriundo de todas as regiões do país, aumentou significativamente, elevando os altos índices de violência na cidade.

Inúmeros homens vieram de várias regiões do país em busca de “bamburrar”, ou seja, dar-se bem na atividade de garimpagem. Muitos diamantes valiosos foram encontrados, porém a maioria não permaneceu na cidade, nem mesmo o lucro decorrente dele, pois, muitos eram contrabandeados e vendidos de forma ilegal.

Em 1997, foi criada a Diocese de Juína e nomeado o primeiro bispo pelo então Papa João Paulo II. Dom Franco Dalla Valle, italiano nascido em Crespano Del Grappa no dia 02 de agosto de 1945. Sua morte foi no dia do seu aniversário de 62 anos. “Dom franco foi dessas pessoas que deixam marca e que sempre será lembrado com orgulho, por toda a Diocese” (IORIS, 2009, p.148). O segundo Bispo da Diocese é Dom Neri José Tondello que, atualmente, atua nos serviços pastorais da Diocese de Juína.

Contemporaneamente, a economia do município baseia-se na pecuária, agricultura perene e de subsistência, extrativismo vegetal e mineral e o comércio. Muitos de seus pioneiros permanecem no município junto com seus descendentes; outros se mudaram em busca de melhorias de vida, principalmente para a capital do estado, ou voltaram para as regiões de onde vieram por considerar melhor a qualidade de vida.

Por toda a cidade é possível observar patrimônios adquiridos no período de colonização do município. Muitos deles, como Pasqualotto, Pretto, Veronese, Queiróz ou Bergamin, por exemplo, levam os sobrenomes, reconhecidos em todo o município; mas também há outros pioneiros que vieram desde o início e não são

lembrados por não terem adquirido tantos bens ou não serem tão conhecidos pela população.

4 A ORALIDADE QUE ALIMENTA A VIDA

A prática de utilização das Histórias Orais como metodologia científica começou a difundir-se na década de 1950 nos Estados Unidos com a invenção do gravador e chegou ao Brasil na década de 1970. Essa prática tem base na utilização de entrevistas gravadas com testemunhas da história contemporânea. Atualmente, essa prática vem difundindo-se cada vez mais. Com a modernização é possível ter um gravador de áudio no próprio celular facilitando dessa forma, o trabalho do investigador.

Junto ao texto escrito, a História Oral torna-se mais uma fonte histórica e possibilita a compreensão do passado e sua influência na contemporaneidade. O entrevistador fala diretamente com a fonte histórica, possibilitando a aproximação com os fatos e a múltipla interpretação a respeito dos mesmos. A autora e utilizadora do método de pesquisa História Oral, Alberti (2005, p. 18) pontua: “Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, conjunturas e etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou testemunharam”.

A partir de um aparato bibliográfico aprofundado e por meio de entrevistas realizadas com vários Rikbaktsa com a utilização da Metodologia de Pesquisa de História Oral, tornou possível o contato direto com os protagonistas dessa história. Possibilitando um novo olhar sobre a história do município de Juína, ouvindo o que o Rikbaktsa viveu e interpretou dessa história.

Uma das entrevistas foi realizada com um jovem, o Rikbaktsa A, na secretaria da Escola Indígena Myhyinomykyta, pertencente ao município de Brasnorte, localizada no centro da cidade de Juína, por facilitar o acesso da aldeia, onde ele trabalha. A segunda foi realizada com o Rikbaktsa B que atualmente reside no município de Juína, em decorrência do trabalho que desempenha junto à coordenação da mesma escola, ele é o atual coordenador pedagógico.

A terceira foi realizada com o Rikbaktsa C, na casa de sua filha, no momento em que veio da aldeia para realizar alguns afazeres. A última entrevista foi realizada com os Rikbaktsa D, E e F, na aldeia Curva de Rio, próxima ao Distrito de Fontanilhas. Nela foi entrevistado o Rikbaktsa D que atuou como cacique durante 14

anos; a E é sua esposa e ambos são sogros do Rikbaktsa B. O Rikbaktsa F é padrasto da Rikbaktsa E e, junto com o Rikbaktsa C, foi o primeiro a ser contatado.

As indagações que nortearam as entrevistas foram acerca de como se realizou o processo de pacificação e quais foram seus resultados junto ao povo Rikbaktsa. Os entrevistados narraram os acontecimentos que foram gravados em um gravador de voz de um celular e transcritas na íntegra, sem correções ou alterações no discurso feito pelo locutor, garantindo a veracidade do texto escrito conforme o narrado.

Registrar as narrativas acerca da história através do oprimido permite um caminho libertador, o que faz com que este seja agente de sua libertação e orgulhoso de suas raízes culturais.

5 JUÍNA VISTA DE MAIS PERTO: A HISTÓRIA NÃO DOCUMENTADA, OUTRA VERSÃO

A Escola de Annales trouxe um novo prisma histórico, a fim de enriquecer uma história mais abrangente e totalizante. Burke (1997, p. 17) a aponta como contrária à forma dominante de narrar a história que “tem sido a narrativa dos acontecimentos políticos e militares, apresentada como a história dos grandes feitos, dos grandes homens (...)”. No município de Juína isso vem acontecendo, sendo narrados os grandes feitos de homens que conseguiram vencer os desafios da mata, que atualmente estão atuando na política, tem grandes comércios ou propriedades rurais. Porém, ela não retrata o que aconteceu com aqueles que perderam suas terras e como foi esse processo histórico para a sua comunidade.

Fernand Braudel foi um dos mais importantes membros dos Annales, historiador francês, mantido preso durante anos e que acompanhou de perto as tensões da Segunda Guerra Mundial. Sua mais importante tese foi escrita ali, utilizando apenas as memórias para fazer referências. Com os Annales, introduziu mudanças significativas no modo de registro historiográfico.

Burke (1997), fala da obra *O Mediterrâneo* de Braudel⁵, historiador do século XX e importante membro da Escola dos Annales. Nela o personagem central é o mundo Mediterrâneo e não o rei Felipe II, rompendo dessa forma, com o modelo de narrativa dos fatos históricos tradicionais. “A história dos acontecimentos, ela sugere, embora rica em interesse humano, é também a mais superficial” (p. 46)

A história não é feita apenas por aqueles considerados vencedores, mas também pelos que lutam e, muitas vezes, morrem por aquilo que acreditam. Muitos foram os Rikbaktsa que morreram para defender seu território invadido. O Rikbaktsa

⁵Fernand Braudel teve como obra de maior destaque *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo à Época de Felipe II*, escrita completamente de cabeça durante os anos em que esteve preso nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial. Após orientações de seu mestre Lucien Febvre, fundador da Revista dos Annales, Fernand Braudel mudou a perspectiva do tema político para uma análise do mundo mediterrâneo com aspectos mais amplos, como a economia da região. Fernand Braudel foi fundamental para uma renovação nos métodos historiográficos e, como Historiador, se destacou como um dos maiores intelectuais do século XX. Disponível em <<http://www.infoescola.com/biografias/fernand-braudel/>> Acesso em: 23 maio 2015.

C⁶ fala de como eram os conflitos com a chegada dos invasores: “conflito, essa coisa toda, não era que a gente brigava só pra matar. Defendia o quê? Defendia a terra, a criançada, os pais, os avôs, a gente não brigava atoa não”.

Esses conflitos eram de forma desigual, arcos e flechas versus armas de fogo. Os Rikbaktsa acabavam perdendo, como diz o Rikbaktsa D: “tinha muito conflito de seringueiro e índio, muitos morreu. Eles falava que o povo era bravo. Não que era bravo, nós defendia o que era nosso, vinham pro lado da maloca, nós atirava flecha e eles também atacava com arma.”

A vivência grupal constitui a identidade humana. Cotidianamente construímos relações com outros e desde a ancestralidade essas relações foram elementos de sobrevivência. Por isso, as narrativas são formas de aconselhar a comunidade e orientar suas decisões; é a sabedoria compartilhada com o comunitário. Esses valores continuam presentes na etnia Rikbaktsa: “o avô, o pai, o tio, a tia, os adultos que contam história, eles tem conhecimento. A gente conta mitos, de macaco, peixe, de caça. Tem que contar pra não esquecer, ta na minha cabeça” (Rikbaktsa C). As histórias sempre estiveram presentes junto à humanidade, não apenas com o objetivo de entretenimento.

As crenças, os mitos e, até as tradições religiosas, eram e continuam sendo transmitidas oralmente perpetuando, dessa forma, uma tradição seguida pelos grupos sociais. Nascimento e Ramos (2011, p. 55) destacam que “a atividade de lembrar perpassa pela função social do sujeito que, no presente, reconstrói os fatos passados”. Considera-se que o fato de narrar e fazer memória de fatos já ocorridos sustenta a comunidade, mantendo viva a cultura. O Rikbaktsa C nos relata acerca dizendo: “a gente sabe muito disso, porque o índio chegou a noite é contar história, senta ali e conta história pra saber o que que aconteceu até hoje.”

Com a modernidade, essa tradição de narrar vem perdendo força tanto na sociedade capitalista, como nas comunidades tradicionais. O autor Benjamin (1985, p. 201) fala que “a narrativa morre com a invenção do romance”. Em um período aonde o texto impresso vem ganhando o mundo com a invenção da imprensa, as

⁶ O Rikbaktsa C é morador da Aldeia Boa Esperança, ele e o Rikbaktsa F foram os primeiros a serem contatados. Tem 62 anos e ficou no Internato Utiariti até os 20 anos. É pai de 6 filhas e 2 filhos, tem 72 netos e 11 bisnetos. A maioria mora nas aldeias, sendo apenas uma de suas filhas moradora do centro urbano, casada com um não indígena e cursando enfermagem na POLITEC.

narrativas vem perdendo seu espaço. Diferente das narrativas, o romance não procede de forma coletiva e sim individual, trazendo consigo o enredo de uma vida em seus exageros e extremos e “são totalmente refratárias ao conselho e não contém a menor centelha de sabedoria” (BENJAMIN, 1985, p. 202).

Com a ascensão do capitalismo, nasce a nova forma de comunicação: a informação. Contemporaneamente, o fenômeno pode ser observado porque, até mesmo o romance, que teve seu ápice com a invenção da imprensa, perde força. A difusão da informação é rápida, com notícias de todo o globo a cada segundo. Pouco se sabe, contudo, sobre as histórias locais.

Antepassados contam que, no tempo anterior, sentavam-se para ouvir os antigos. Atualmente tudo gira em torno da informação. Na etnia Rikbaktsa, isso também pode ser observado em relação à atitude dos mais jovens ao ouvirem os ensinamentos dos mais velhos: “muitos se interessam e muitos não se interessam. Por causa dessas influências das tecnologias e aí tem muita gente que interessa e muitos não, tem essa divisão.”(Rikbaktsa A⁷)

As narrativas dispensam explicações, deixando para o ouvinte as interpretações. As narrativas ultrapassam os espaços temporais, tomando formas novas ao longo do tempo em que é contada e interpretada, porém a informação só tem validade no momento em que ocorre, sendo no momento seguinte ultrapassada.

As narrativas míticas e lendas tem papel fundamental nas culturas indígenas, pois elas explicam muito sobre a comunidade e os fenômenos naturais. São capazes de dar explicações que nenhum outro poderia dar. Assim, a autora Martinez (2008, p. 37) diz que “nas sociedades primevas, os mitos eram as histórias transmitidas de geração em geração, com o objetivo de explicar tanto os fenômenos cosmológicos (...), como os fenômenos comuns à espécie humana (...)”.

Os adultos narram experiências de sua infância quando, sentados em volta dos pais, ouviam histórias surpreendentes das matas, de santos, personagens folclóricos e etc., acontecimentos que eles mesmos não conseguiram explicar. Tratando-se de Brasil, consideramos o processo histórico e os eventos diacrônicos

⁷O Rikbaktsa A tem 24 anos, é morador do Centro urbano no município de Juína. Trabalha atualmente, como técnico administrativo da Escola Indígena Myhyinymykyta Skirip pertencente ao Município de Brasnorte, porém a coordenação pedagógica está localizada no município de Juína por facilitar o acesso a aldeia. O Rikbaktsa A pertence à aldeia Curva de Rio.

envolvendo as diversas etnias com suas distintas culturas que geraram e continuam gerando os sincretismos, que culminaram na atual sociedade brasileira, que possui elementos das diversas etnias que aqui se concentram. Um exemplo claro é o almoço que comemos diariamente: arroz, feijão, carne vermelha, mandioca e etc. Ainda aliados aos conceitos, Ferreira(1999) *apud* Ferretti (2014, p. 29-30), o sincretismo é “a união ou mistura de idéias ou doutrinas heterogêneas, ou a fusão de elementos culturais diferentes”.

5.1 Colonização não veio perguntar: de quem é essa terra?

Por muito tempo os Rikbaktsa ficaram desconhecidos até que durante o terceiro Ciclo da Borracha no século XX, foram descobertos pela “civilização brasileira”, de acordo com Pacini (1999, p. 19): “a presença dos Rikbaktsa na região é uma incógnita, uma vez que nenhum autor, viajante ou cronista menciona explicitamente os Rikbaktsa, Canoeiro ou Orelha de Pau, antes de 1942.”

Para o Rikbaktsa, o mundo “civilizado”, também era desconhecido. Viviam tranquilamente nas terras de onde tiravam elementos para sua subsistência. O Rikbaktsa B ⁸ conta que “bem, antes a gente vivia tranquilo, sem preocupação, pensando que não ia ser o que ta hoje. Com certeza o povo tomaram um impacto muito grande quando viram essa situação acontecer pelos primeiros dias” com a chegada dos primeiros seringueiros.

A “Marcha para o Oeste” gerou um forte movimento migratório em busca de desenvolvimento. Os seringueiros homens incultos, foram quem abriram caminho pelas terras amazônicas em busca do Ouro Verde, as seringueiras, onde buscavam gerar muita riqueza encarando as adversidades encontradas e, de acordo como padre jesuíta João Dornstauder (1975) *apud* Pires (2009, p. 27) o seringueiro “é o verdadeiro descobridor de nossa Amazônia, um herói, um bravo. Imitador do fogo bandeirante, herdou daqueles antigos o desrespeito ao índio. Não deixou aldeia em paz. Provocou guerra.”

⁸O Rikbaktsa B é coordenador pedagógico da Escola Indígena Myhyinymykyta Skirip. Reside no Município de Juína, tem 48 anos. Estudou magistério na UNEMAT. Pertencente à aldeia Curva de Rio.

O primeiro registro de morte, em 1952, relata o confronto de índios Rikbaktsa que mataram dois seringueiros a flechadas, sendo eles, Bibiano Pedroso e José Cearense que se espalhou como fogo na pólvora, gerando outros inúmeros conflitos. Esse foi o primeiro registro de morte que envolveu seringueiros, porém, esse não foi o primeiro incidente envolvendo mortes, visto que os seringueiros tinham liberdade para matar os índios. Com as dificuldades na mata, os seringueiros passaram a ser contratados entre detentos de Cuiabá e tinham livre arbítrio e orientação para matar os índios.

Havia uma política de trato ao índio, conforme os relatos Jesuítas do Padre Dornstauder (1975) *apud* Pires (2009, p. 28): “Só matando! Índio só se amansa à bala! Matar os velhos e levar as crianças!”. Está filosofia se disseminou e carrega, até a atualidade, marcas preconceituosas e aniquiladoras.

Além da briga injusta com armas, havia contra o povo Rikbaktsa a forte presença de epidemias trazidas pelos seringueiros, o Rikbaktsa D fala dessas doenças, “os seringueiros trouxe muita doença, tipo a gripe. De manhã minha mãe tava boa aí tossia, tossia e depois tava dura na rede. O meu pai também, tossia, tossia e depois na rede tava duro.”

Dessa forma, com a entrada das empresas colonizadoras como a CODEMAT e a presença dos seringueiros, os Rikbaktsa eram frequentemente atacados, massacrados, as mulheres abusadas sexualmente e as aldeias destruídas. Sua defesa eram os ataques a flechas e a fama de matarem e devorarem os invasores, o Rikbaktsa D relata como era: “Eles ficavam com medo porque nós comia gente, ainda mais os idosos que não podiam caçar, não davam conta. Quando a gente ganhava, a gente cortava certinho e botava muquiar na brasa, aí comia”. Dessa forma, os invasores ficavam receiosos com o que poderia lhes acontecer, o Rikbaktsa D continua dizendo: “Os velhos não deixavam as crianças comer branco, porque não era bom”. Havia uma crença que as crianças não poderiam comer porque era ruim para o povo.

De acordo com Arruda (1992) *apud* Pires (2009, p. 29), “cerca de 80% da população Rikbaktsa tenha morrido, seja por ataques com armas de fogo, seja por contágio de doenças epidêmicas”. A chegada da frente colonizadora foi impactante ao povo Rikbaktsa que cada vez mais se afastava do seu território, ao perceberem a

presença de um povo diferente dos Rikbaktsa, Cinta-Larga ou Enawê-Nawê que conheciam.

Os pajés sempre foram presença marcante junto às comunidades indígenas. Eles possuem o conhecimento e revelam ao povo o modo de agir. Eles são os experientes na tribo, conhecem os rituais e desempenham a função de curandeiro, utilizando as ervas e plantas, entrando em contato com os espíritos e com os deuses.

O pajé foi de extrema importância no período colonizador, conforme o Rikbaktsa B relata: “Quando o povo meu veio a aceitar, segundo a história, tinha um bem velhinho, velhinho que ele teve um sonho que fala assim: *olha ta chegando uma turma nova*. No sonho dele diz que apareceu umas imagens falando, que era pra eles se renderem e se entregarem, se eles se entregassem numa boa sem conflitos, eles continuariam vivendo, agora se caso eles reinasse, podia haver um conflito maior. No sonho dele diz que apareceu umas imagens falando, que era pra eles se renderem e se entregarem, se eles se entregassem numa boa sem conflitos, eles continuariam vivendo, agora se caso eles reinasse, podia haver um conflito maior. E ele (imagem) conversou bastante com ele, quando esse dia amanheceu, ele era pajé, aí ele contou o sonho dele pros outros homens da Casa da Cultura.⁹Onde outros ficaram assim, empolgados com o sonho e ele falou: *olha, vai depender de nós e conforme for, no meu sonho falava que o conflito ia ser maior.*” (grifo nosso)

Depois desse sonho, os homens conversaram e decidiram não se entregar, porém, deixariam a aldeia e migrariam mais para o interior da mata, onde não poderiam ser alcançados facilmente. “No momento em que estavam se organizando pra ir, diz que passaram o avião por cima e eles olharam e disseram: *Isso aí nós, nunca viram, não sabe o que é o que faz*” (Rikbaktsa B, grifo nosso). Deixando tudo para trás, roças e mantimentos, eles caminhavam, durante meses, procurando um novo lugar onde poderiam criar uma nova aldeia, porém, de tempos em tempos

⁹A Casa da Cultura ficava no centro da aldeia, lá reuniam-se todos os homens a partir dos doze anos, e ali eram tomadas as decisões da aldeia, planejadas as atividades diárias, faladas as preocupações e etc. Os alimentos eram levados de casa para serem partilhados com todos “ cada pai de família que mora numa casa, quando ele vem para aquele centro da casa cultural da aldeia, ele traz nem que não seja muito, mas um pouquinho de coisa que ele tiver lá na casa, uma chicha, um bijú, uma castanha, uma carne assada.”(RIKBAKTSa B)

avistavam o avião sobrevoando a nova aldeia. Desde então, a rotina Rikbaktsa mudou, estando sempre em fuga e deparando-se, de tempos em tempos, com seringueiros, o que ocasionava inúmeros conflitos.

5.2 Processo Pacificador

A diversidade humana sempre foi tratada de forma preconceituosa, como já foi abordado anteriormente. O conceito de raça foi uma forma de subjugar o outro, o distante. Conforme Laplantine pondera (2003, p. 30), as sociedades ditas civilizadas, consideravam como selvagens as civilizações que apresentassem tais características relacionadas à aparência física, “estão nus ou vestidos de peles de animais” aos hábitos alimentares, “eles comem carne crua, e ao todo imaginário do canibalismo que iria aqui se elaborar” e a inteligência ligada ao fato da linguagem, “eles falam uma linguagem ininteligível”.

Esses conceitos advindos do Continente Europeu davam respaldo para que tratassem os indígenas como animais, havendo a justificação da superioridade de raças. O auge da evolução humana seria, então, a raça européia, civilizada e monoteísta. Assim, já que não acreditavam no Deus que os europeus acreditavam, não tinham alma. Laplantine (2003, p.30) continua dizendo a respeito do discurso acerca do índio: “abre o grande leque das ausências: sem moral, sem religião, sem lei, sem escrita, sem Estado, sem consciência, sem razão, sem objetivo, sem arte, sem passado, sem futuro.”

A pacificação dos Rikbaktsa deu-se em três fases, como relata Pacini (1999, p. 17) “a primeira foi a da atração dos “selvagens” com o fim de “amansá-los”; o passo seguinte foi a transformação e educação dos Rikbaktsa já pensados como “semi-selvagens”; finalmente, o ensinamento dos trabalhos agrícolas e industriais”.

Devido ao grande número de conflitos na região entre indígenas e seringueiros, foi chamado o padre jesuíta João Evangelista Dornstauder para “amansar” os índios. Por consequência do seu trabalho realizado junto aos índios Kayabi, a ação pacificadora durou de 1956 a 1962. De acordo com o Rikbaktsa D, depois dos inúmeros conflitos, “aí eles contrataram um padre, falava que o povo era bravo. Aí o padre veio com outros índios, irmãos nossos, ele aprendeu idioma.”

Dornstauder chegou à região acompanhado por alguns índios e aprendeu o idioma para facilitar a ação pacificadora, estabelecendo uma relação amistosa. Ele se aproximou pelo rio e cumprimentou um grupo de índios ao qual o Rikbaktsa C pertencia. “Nós foi pegar peixinho, tava eu, minha mãe o Pomy. Dois guri e umas três meninas, nós fomos pegar peixinho (...). Aí na volta, nós indo embora, certo momento, padre João e os pacificadores vieram devagarinho chegando e chamou lá, parece que foi boa tarde que disseram, era de tarde.”

Pacini (1999, p. 40) traz o relato do padre João Dornstauder (1975), em relação ao primeiro contato com os Rikbaktsa. “Dia 30 de julho de 1957 [...] Quero ver melhor. Assoma alguém. Penso que é moça, a julgar pela impressão do momento, e trato como se fosse moça. Empunha arco e flecha. Mais tarde iria saber que era homem, o índio Pome. Parou e olhou me com espanto. [...] É um momento único. O índio parece uma visão, mas se move vindo da direção donde viemos.”

O Rikbaktsa avistado pelo Dornstauder é o Rikbaktsa F, o vovô Pomy, como é conhecido na aldeia. Foi ele quem ajudou a frente pacificadora nesse processo. Ele relata a primeira impressão que teve ao avistar o jesuíta aproximar-se pelo rio: “nós foi pegar peixinho, tinha muito aqui. Aí nós voltando apareceu eles, o padre João barbudo parecia um bicho, nós correu, nunca tinha visto. Quase matei o padre João com a flecha”. O Rikbaktsa C reforça em sua narrativa, o espanto que tiveram ao avistá-lo: “eu olhava assim, nossa levei um susto, nós foi numa taca, nós corremo no meio do mato de tanto medo.”

Os indígenas passaram a noite na mata e o missionário junto a sua equipe, pernoitaram próximos, durante a noite, nos relata o Rikbaktsa C. Ouviram disparos de espingarda: “aí de noite começou dar tiro de espingarda, pra botar medo ali né, amedrontar.” Era uma forma de espantar os animais da floresta e, ao mesmo tempo, amedrontar os indígenas para que não se aproximassem durante a noite.

Aliados a isso, temos os relatos do Rikbaktsa B que nos fala como fizeram para atraí-los depois de estabelecidos os primeiros contatos. “E essas pessoas que fizeram contato pela frente terrestre, quando eles chegava perto da aldeia, eles deixava presentes, vamos dizer assim, facão, panela, espelho.” Utensílios até, então, desconhecidos pelos Rikbaktsa e utilizados como atrativos para “amansar”, estabelecer um contato amigável sem tantos conflitos.

Ele continua relatando acerca da reação dos Rikbaktsa ao encontrarem tais objetos: “Mas acho que por empolgação, eu acho, pegavam aquilo lá pra uso deles”. Os pacificadores buscavam, em seguida, estabelecer o diálogo de forma amistosa, convencendo os Rikbaktsa a não reagirem e os próprios Rikbaktsa contatados ajudavam, então, a frente pacificadora a contatar outros.

O Rikbaktsa B narra como foi esse processo: “Antes de chegar na aldeia, encontrou com esse meu avô¹⁰, ainda no mato, ele tinha ido caçar no mato pela trilha que ele sempre caçava. No meio da trilha ele encontrou esse povo e deu a pista pra eles onde o povo tava. Aí o pessoal junto com ele, conversaram com ele pra ver se podia ir junto com ele. Acho que usava ele como guia né. Chegaram até a aldeia e falou pros outros que não era pra fazer conflito, que era gente boa.”

Assim, de acordo com o Rikbaktsa F¹¹, “quando padre João chegou, conversei com ele e levei ele na maloca”. Os missionários estabeleciam uma relação com os Rikbaktsa e os incentivavam a permitirem a entrada dos seringueiros sem reagirem, ao mesmo tempo trabalhavam com os seringueiros para que não atacassem os Rikbaktsa, pacificando dessa forma os dois grupos que ali se encontravam.

Nas aldeias pacificadas, os jesuítas deixavam uma cruz como símbolo que ali estavam pacificados e atuavam junto à aldeia constantemente catequizando e ensinando os costumes do não índio, promovendo dessa forma, o sincretismo já que introduziram na aldeia elementos culturais que não pertenciam à etnia, como os presentes deixados a fim de atraí-los.

5.3 Internato Utiariti: Na maloca, a gente não sabia o que era puxão de orelha

Decorrente ao contato com os seringueiros e missionários jesuítas houve um grande surto de doenças epidêmicas como a gripe, sarampo e catapora que ainda eram desconhecidas ao sistema imunológico dos indígenas, ocasionando um grande número de mortes. O Rikbaktsa C, perdeu seus pais ainda na infância devido a

¹⁰Trata-se do Rikbaktsa F, que juntamente com o Rikbaktsa C foram os primeiros a serem contatados pelo padre João. Tem 64 anos e reside na aldeia Curva de Rio, estudou no Internato Utiariti.

¹¹O Rikbaktsa F foi o primeiro a ser contatado, mostrou o caminho da aldeia e foi primordial no processo de pacificação. Tem 64 anos é padrasto da Rikbaktsa E. Foi para o Internato de Utiariti.

essas doenças, “com cinco anos de idade, perdi meu pai, minha mãe. Como assim? De malária que tinha naquela época, muita malária, eu acho.” Esse fato fez com que os Rikbaktsa se aproximassem mais dos Postos de Assistência Indígena-PAIs, onde os missionários controlavam as mortes e catequizavam-os, os tornando civilizados.

Com o tempo, os próprios Rikbaktsa passaram a procurar estes postos. “Oque que eu fiz? Larguei tudo, peguei o caminho da estrada e fui, sumi da minha aldeia com o finado amigo mais velho. Depois de andada, nós posava no mato só nós dois, dois guri. No segundo dia nós tava dentro do rio, naquela época tinha seringueiro que cortava borracha pra vender. Chegamo no porto e vimo pessoas andando, começamo gritar, pedindo socorro, nunca tinha visto esse homem, ele disse: ah índio! Começou cumprimentar. *Naquele tempo era tempo de borracha, ficamos lá meses. Deu roupa pra nós, comida, deu tudo, tratou bem.*” (Rikbaktsa C, grifo nosso). O Rikbaktsa D ¹² nos conta o que aconteceu com ele e sua família após a morte dos pais, devido às doenças epidêmicas: “aí fiquei eu e meus irmãos, sozinhos meus irmãos e eu fomos procurar o padre, tinha muita criança sozinha, os pais tudo morrendo de doença, gripe, sarampo.”

Esses Postos se caracterizavam como aborda Pires (2009, p. 35-36), “por serem espaços de diversidade étnica”, já que ali se concentravam missionários, seringueiros, agentes do estado, Rikbaktsa de várias aldeias e ainda outras etnias indígenas. Todos vinham buscar assistência e eram catequizados, aprendiam o idioma do branco, noções de higiene, hábitos alimentares e trocavam vários outros elementos culturais.

Além desses PAIs, havia Posto Missionário Utiariti, em Diamantino-MT. Este servia como um centro educacional direcionado às crianças indígenas órfãs. “Aí esperamos o padre no porto e ele levou a gente com ele, a primeira vez que eu vi um carro, saí que nem bicho correndo pro mato tinha muito medo, nunca tinha visto.” (Rikbaktsa D).

No Utiariti, eram recolhidas crianças das diversas etnias Paresí, Cinta-Larga, Apiaká, Rikbaktsa, Nambikwara, Iranxe e tantas outras. Devido à grande diversidade cultural e de idiomas, era proibido o uso da língua-materna, processo que auxiliou na

¹²O Rikbaktsa D atuou como cacique da Aldeia Curva de Rio durante 14 anos, foi para o Internato Utiariti, perdeu os pais vítimas das epidemias trazidas pelos seringueiros. Casado com a Rikbaktsa E, sogro do Rikbaktsa B. Tem 62 anos.

perda do Idioma Rikbaktsa, e divididos por sexo, tendo no centro a Igreja Católica. “Eu mais meu irmão nós foi pro internato, lá em Diamantino. Aprender ler, escrever. Só que era tudo no costume dos brancos. As mulheres ficavam com as irmãs, até tinha uma casa lá no Barranco, e os homens com os padres e a Igreja ficava no meio”.

O método de ensino era autoritário, regado de castigos e punições, conforme o relato do Rikbaktsa C: “Lá era educação de branco, imagina que no nosso tempo na maloca, nós não sabia o que era puxão de orelha, não sabia o que era apanhar. Lá era pra educar mesmo, quem não obedecia apanhava. Aí fiquei lá, os padres ensinaram A, B, C naquela época. Não podia falar o idioma, senão batia, puxava orelha. De vez em quando saía menino pelado que nem na aldeia, aí apanhava.”

Ligado à educação escolar eram ensinadas práticas para serem inseridos no mercado de trabalho como corte e costura, culinária, práticas de enfermagem às mulheres e práticas agrícolas, carpintaria, mecânica e apicultura aos homens. O Rikbaktsa F discorre sobre o assunto: “Lá a gente aprendeu trabalhar com enxada. Nós fazia roça diferente na aldeia, com pedaço de pau nós furava terra e plantava amendoim, mandioca, milho”, inserindo assim, novos hábitos aos costumes milenares Rikbaktsa.

Tratava-se de um trabalho educacional sistemático de aculturação, reprimindo as manifestações étnicas culturais, já que era proibido o uso do idioma, a realização de rituais ou reprodução dos costumes da aldeia e eram obrigados a realizar tarefas domésticas, cumprir horários, usar roupas e etc. Tudo destinado a civilizar os Rikbaktsa, salvando-os do estado de selvageria e aproximando-os ao estado civilizado ocidental, “produção econômica, religião monoteísta, propriedade privada, família monogâmica” (LAPLANTINE, 2003, p. 51-52).

Ao retornarem para a aldeia, essas crianças, já adultas, tinham perdido muito da cultura e sofreram para adequarem-se à vida na aldeia, já que estavam acostumados ao modo de vida branca. O Rikbaktsa B ressalta como essa perda interferiu na vida do povo ao retornarem do internato, “onde era proibido o uso de línguas e culturas, tanto é que a perda pro meu povo veio dali, principalmente quando retornaram para a aldeia, os filhos deles não praticaram mais a língua”.

O Internato Utiariti foi fechado na década de 1970 devido às críticas ligadas aos métodos de repressão à cultura, mudando também a atuação da Igreja junto aos indígenas, sendo este mais aberto ao diálogo junto às diversas etnias que compõem o Brasil, respeitando a identidade, a história e a cultura indígena. Houve muitos que, inclusive, lutaram pela causa indígena como o jesuíta Pe. Jesuíta Balduino Loebens.

6 ORALIDADE, O ALIMENTO DA CULTURA

Há um costume, um ritual de chegada Rikbaktsa que quando ele (Rikbaktsa) visitava uma outra aldeia distante, era lhe oferecido chicha e sentava-se junto ao parente mais velho da aldeia, narrando tudo com detalhes o que tivera vivido desde o último encontro. O ancião, por sua vez, narrava então o que na aldeia tivera acontecido. Todos escutavam atentamente, sinalizando com a cabeça. Corroborava Pacini (1999, p. 14) que “esse modo de realizar a continuidade histórica ligava acontecimentos e pessoas de diferentes lugares na memória do grupo e fazia com que crescesse a familiaridade entre os Rikbaktsa.”

Quem nunca se encantou com histórias surpreendentes narradas pelos pais e avós? Não é verdade que tais histórias preveniram o perigo de certas ações cometidas? Orientaram gestos e ações a serem ou não realizadas? Não trazem sentimentos de saudade e lembranças de um tempo vívido por quem os narra?

Os idosos são dessa forma, sujeitos importantes desse processo de resgate das memórias, como pessoas que já viveram o passado, narram no presente as experiências e os saberes adquiridos ao longo dessa trajetória. Por muito tempo, a Casa Tradicional, ficava no centro da aldeia. Era ali que se realizava a educação indígena, onde os jovens aprendiam os costumes e onde eram tomadas as decisões do povo. “Antigamente, quando não tinha escola, existia no centro da aldeia uma casa tradicional aonde todos os homens da aldeia se concentravam ali, os adolescentes de doze anos para cima, também já frequentavam ali a casa. E ali onde estavam esses homens reunidos, eles faziam conversas de planejamento pro dia seguinte das atividades, onde cada um exponhava ali sua preocupação, o seu objetivo” (Rikbaktsa B).

Para o Rikbaktsa, essa troca de saberes sempre foi primordial. Os mais jovens valorizavam os anciões como bibliotecas de saberes que eles deveriam aproveitar o máximo para que o povo vivesse. Aliados aos conceitos de Nascimento e Ramos (2011, p. 446), “com os velhos é que se pode promover a continuidade da cultura e da educação da gente adulta do presente e dos pósteros, das gerações futuras”. Com eles é possível reviver as histórias passadas que permanecem no povo.

As histórias orais são transmissão da tradição entre gerações, perpetuando a manutenção e o cultivo da cultura. Nas comunidades indígenas, quilombolas ou africanas, por exemplo, o ancião tem lugar de destaque junto ao povo, pois ele detém o conhecimento, a vivência; ele é a fonte dos saberes comunitários e a ele cabe a transmissão desses saberes. Percebe-se isso, também, nas culturas orientais como da Índia, da China, onde o ancião é respeitado e cuidado, pois ele tem muito a oferecer, além de força de trabalho.

Segundo o Rikbaktsa B, o trabalho com os mais jovens junto aos anciões “é ir valorizar mais, é ter carinho com eles pra gente aprender o máximo do que possamos aprender para não perder. O que eu aprendi possa servir também para passar pros meus filhos, pros meus netos. Se a gente não faz isso, um dia eles podem acabar.” Junto ao seu relato, temos os conceitos de Nascimento e Ramos (2011, p. 456): “o lugar de honra e privilégio do mais velho desvela aí a beleza daquele que tem o poder de iniciar uma obra a que, certamente, será continuada por seus descendentes.”

Há, porém, junto ao povo, a preocupação desses saberes se perderem. “Há certas situações que a gente percebe isso por causa da evolução do mundo que hoje estamos vivendo, tecnologia bem avançada, enfim a gente percebe que muitos dos jovens lá eles pensam: *ah isso é do passado, vou viver o hoje eu quero pensar o amanhã.*” (Rikbaktsa B, grifo nosso). As tecnologias estão dentro da aldeia e, como na sociedade não índia, é uma preocupação no trato aos mais jovens que se condicionam, apenas, à realidade delas, ligados ao mundo, porém desconectados com a realidade local.

O Rikbaktsa B reconhece a importância do manuseio dessas tecnologias, porém ele salienta que é necessário “sempre procura estar entrosado com eles, estar estudando cada vez mais pra gente aprender a levar sempre os dois, o passado, junto com o atual novo.”

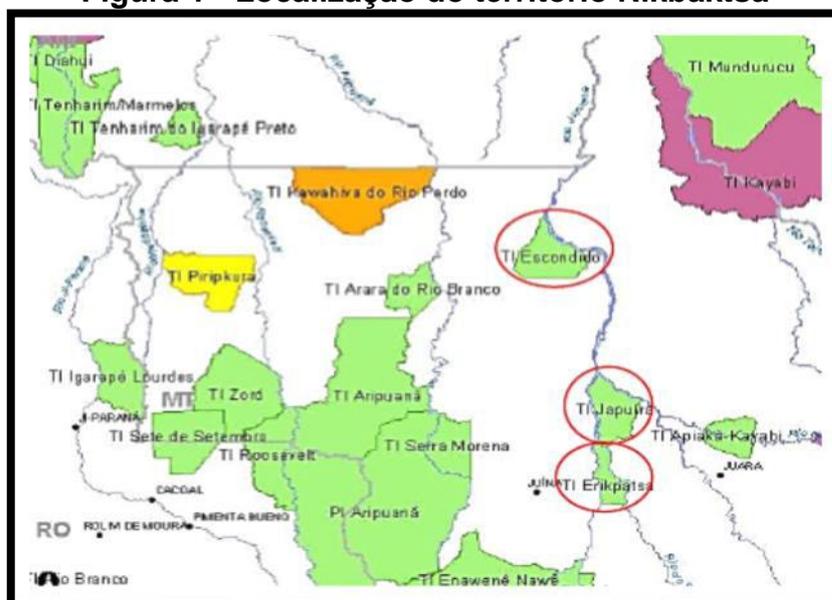
Sobre as narrativas, Benjamin (1985) discorre em sua obra *O Narrador*, sobre a importância das mesmas nos grupos sociais nos quais são produzidas. “Elas tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida- de qualquer maneira, o narrador é o homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1985, p.4).

Nessa perspectiva, a utilização de fontes orais de história permite ouvir sujeitos postos à margem e compreender o resultado desse processo histórico junto a sua realidade. O pesquisador não é o foco nesse caso; ele ouve as experiências do outro e a partir delas, registra.

6.1 Os Rikbaktsa, a história de um povo guerreiro

Os Rikbaktsa são, tradicionalmente, habitantes do sudoeste amazônico, nas margens dos rios Arinos, Juruena, e Rio do Sangue. Eles mantinham o modo de vida seminômade permanecendo, em uma habitação até que dela pudesse tirar o sustento do povo, “e nesse trajeto, eles transitavam muito essa região aqui. Desde as cabeceiras do Rio Aripuanã, subindo o Arinos também uma referência muito forte de onde eles habitavam, o próprio Juruena e até certa altura onde encontra uma diferença de mata nosso aqui, com a mata de lá que é mais cerrado”. (Rikbaktsa B), de onde retiravam a taquara para fazer flechas para caçar e pescar. Atualmente os Rikbaktsa são divididos em três áreas delimitadas localizadas nos municípios de Juara, Brasnorte e Cotriguaçu.

Figura 1 - Localização do território Rikbaktsa



Fonte: Disponível em: <http://ti.socioambiental.org/pt-br/#/pt-br/terras-indigenas/>

Um povo que era numeroso, segundo a Rikbaktsa E¹³. “A gente era mais de dez mil, hoje nós só tem pouco mais de dois mil”, que estabelecia uma relação harmônica com o meio ambiente e não vivia territorialmente demarcado. “Tinham entendimento que todo território aonde tivesse matéria-prima para o bem do sustento deles, eles iam até o local de encontrar e coletar, para subsidiar de algumas necessidades daquela época”. (Rikbaktsa B). A natureza era farta e produzia o suficiente para alimentar as etnias que dela dependiam: “bem, antes a gente vivia tranquilo, sem preocupação, pensando que não ia ser o que ta hoje” (Rikbaktsa B).

.A educação era realizada no pátio da aldeia, onde as crianças observavam atentas aos ensinamentos dos adultos. “Onde tiver um idoso contando uma história, ensinando, os jovens estão ali sentados esperando alguma atividade para amanhã” (Rikbaktsa B). Um método cultural rico, que preparava os jovens para a vida comunitária na aldeia.

O Rikbaktsa B fala da Casa da Tradição, onde constantemente se reuniam para aprender e planejar as ações da aldeia: “todos os homens da aldeia se concentravam ali, os adolescentes de doze anos para cima, também já frequentava ali a casa. E ali onde estavam esses homens reunidos, eles faziam conversas de planejamento pro dia seguinte das atividades, onde cada um exponhava ali sua preocupação, o seu objetiva. Eles estavam ali já ouvindo e aprendendo toda aquela conversa da patrimônia.”

Cada um que ia para a casa, levava um alimento “nem que não seja muito, mas um pouquinho de coisa que ele tiver lá na casa, uma chicha, um bijú, uma castanha, uma carne assada”, para partilhar com todos, mesmo aqueles que eram solteiros e não tinham sua casa. Para os Rikbaktsa, tanto o mundo natural quanto o social, fazem parte do todo, corrobora Arruda (2003, p. 39): “O conhecimento milenarmente adquirido e oralmente transmitido sobre as espécies vegetais e animais, suas inter-relações e ciclo de produção, aliados a técnicas adequadas de aproveitamento sempre garantiram sua reprodução biológica e social.”

Não havia necessidade de acúmulo, já que a natureza ofertava e eles poderiam retirar com liberdade para sua subsistência e do povo. O Rikbaktsa é da

¹³Rikbaktsa E reside a aldeia Curva de Rio, casada com o Rikbaktsa D que tem 61 anos, foi para o Internato Utiariti.

natureza, faz parte dela como todos os outros seres, assim “uma pessoa *Rikbaktsa* é antes de tudo o representante de uma espécie de gente.” (ARRUDA, 2003, p. 40).

Os *Rikbaktsa* possuem suas divisões internas de organização, como clãs, metade de parentescos, grupos de idade, aldeias e etc. estabelecendo uma relação harmônica social. Na aldeia, o indígena *Rikbaktsa* é livre no habitat dele: “se ele quiser ir no vizinho, quiser entrar, não precisa abrir portão” (RIKBAKTSA B), não há propriedade privada; tudo pertence ao povo, para a sua existência.

Quando precisou mudar-se para a cidade, para poder atender as demandas da secretaria da escola da qual é coordenador, o *Rikbaktsa B* e sua família sentiram a diferença: “O que eu digo é assim, muro ali, ali, ali e uma grade no portão. Ali já é do outro vizinho e eu não posso ir ali se meu vizinho não permitir. Lá na aldeia não é assim, é um espaço aberto onde os meninos brincam em volta, se sente a vontade. Todo mundo é amigo do outro, vão coletivamente buscar alimento na roça, pescar peixinho ali, ou vão tomar um banho no rio (...) pra mim foi um impacto muito grande socialmente, pra mim isso aqui foi estranho, ter que alugar uma casa e entender que o meu direito é do canto do muro pra cá, pra lá já não é. E os meus filhinhos pequenos, ainda nem se fala, pra conscientizar eles que do portão pra cá é nosso, de lá já não.”

Esse processo de aculturação gerou impactos profundos aos *Rikbaktsa*, necessitando viver delimitados em uma extensão relativamente pequena para atender as demandas da população e que, muitas vezes, não garante a preservação da sua cultura. Há, ainda, o discurso generalizado no Brasil: *Pra que índio quer mais terra? Índio tem muita terra*. Mas, conforme o *Rikbaktsa D* discorre: “nós temos terras, não é de um. É de todos, é do povo todo. Nosso território pode ser até do tamanho de uma fazenda que é de um só”. Fala isso acerca das grandes fazendas que cercam as áreas indígenas que podem chegar a ser do tamanho de uma reserva e pertence a apenas um dono, diferente do território indígena que tem a função de atender a demanda do povo.

Mesmo com o território delimitado, não é garantido a subsistência da etnia uma vez que as ações realizadas envolta dela atingem diretamente e de forma impactante as áreas indígenas, como nos diz o *Rikbaktsa B*: “Em volta do nosso território ta cheio de boi, soja, o rio ta sendo envenenado, principalmente esse que a gente mora na beira dele. O rio Juruena hoje está praticamente poluído, nós

moramos aqui pra baixo nas margens dele, mas lá pras cabeceiras indo pra Cuiabá, lá ta cheio de soja, algodão, milho. E essas plantações usam muito agrotóxico, vai tudo pro rio e vem pra baixo, nós bebe a água”. Tratando-se de meio ambiente, tudo se interliga e os impactos afetam todo o sistema. Neste caso, os Rikbaktsa sofrem com a falta do peixe, com a escassez da caça entre outros problemas, como doenças que afetam diretamente a vida na aldeia. Há ainda o projeto de construção de mais de 100 Pequenas Centrais Hidrelétricas-PCH ao longo de toda a Bacia do Juruena que influencia diretamente na vida nas aldeias Rikbaktsa.

Os Rikbaktsa ainda falam do crescimento da cidade: onde era uma maloca, “hoje é a Praça da Bíblia”. Quando andam pela cidade percebem os olhares preconceituosos e os dizeres racistas sobre eles. “Quando se trata numa questão indígena, índio é tudo igual. Que vive no mato, que fala uma língua só, tupi guarani.” (RIKBAKTSA A). O Rikbaktsa D ainda desabafa: “a gente vê agora a cidade crescendo e a gente sem direito a nada, aí os homens que talvez vem de longe ta sendo dono de tudo.”

E isso ocorre até mesmo na apropriação da história, que narra apenas a versão do colono e oculta e nega o direito da fala ao indígena. É significativo isso quando o Rikbaktsa D fala: “Eu brasileiro, os índios são legítimos brasileiros e os brancos que são civilizados. Hoje a gente não chega entender essa discriminação. Eu acho que conhecimento, sabedoria, devia aproximar mais, melhorar, ter uma conversa. Entender porque essa discriminação? Porque essa cisma?”

As marcas desse processo de opressão continuam junto aos Rikbaktsa, Freire (1970, p. 17) nos diz, “quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado de uma sociedade opressora?” Quem melhor que o Rikbaktsa para narrar esse processo de opressão?

Os indígenas sofrem de forma marcante a discriminação, herança do conceito de raça, que coloca um grupo superior ao outro: “Com esse negócio de discriminação, nós não vamos chegar nunca ao entendimento, não chega isso aí. Porque toda vez que geração, gerações que venham, as pessoas vão aprendendo uma coisa que não deveria aprender. Eu vejo esse lado; civilização é palavra bonita pra mim, civilizado que eu entendo, é pessoas que são educadas, pessoa de respeito, que gosta do outro. Eu não entendo esse mundo em que nós estamos, cheio de ganância, cheio de ilusões. E esse povo gosta das ilusões. Esse dias

perguntaram pra mim: *héim você não gosta de dinheiro, não?* Se o dinheiro não fizesse eu morrer, até gostava. Mas o dinheiro não faz nada, do que adianta um monte de dinheiro, alguém vai pegando o dinheiro vai roubar. De que adianta trabalhar por isso. Quero dinheirinho pra comprar uma coisinha. O importante pra mim é sobreviver, é viver, não deixar faltar nada. Isso o que eu penso. Meu povo quer viver” (RIKBAKTSA D).

De acordo com Freire (1970, p. 19), “A liberdade, por isto, é um parto. E um parto doloroso.” A ideia do parto, é de fato, aquela de gerar vida. “O homem que nasce desse parto é um homem novo que só é viável na e pela, superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos.”

7 PADRE BALDUÍNO: O JESUÍTA RIKBAK TSA

Cerca de dez anos, aproximadamente, após o primeiro contato com os Rikbaktsa, chegou à região que futuramente tornar-se-ia Juína o Padre Jesuíta Balduíno Loebens na data de 31 de julho de 1966. Natural de Santa Catarina da cidade de Itapiranga era ainda estudante de Filosofia quando pediu autorização de seus superiores da congregação para atuar junto aos povos indígenas. A primeira exigência era ter boa saúde já que as doenças como malária e febre amarela eram constantes em meio à mata onde atuaria, que de acordo com o Pe. Balduíno “Os próprios índios já tinham malária, mas felizmente uma que não era tão maligna, como a malária vivax”. Ele mesmo tinha se curado de mais de 100 malárias.

Junto às margens do Rio Juruena o jesuíta dedicou-se aos trabalhos junto aos Rikbaktsa durante 48 anos e chegou a morar nas aldeias durante 25 anos. Aprendeu com os indígenas a utilizar a natureza como medicina e ver o modo de vida deles de um novo prisma, como ele mesmo diz, “eles viviam uma saúde quase perfeita, e o contato para eles foi terrível eles não tinham os antígenos, por exemplo, pra gripe eles não tinham gripe, não tinham doenças venéreas, não tinha tuberculose, né e tantas outras doenças que eles não tinham, eles não tinham.”

É preciso considerar o processo migratório que ocorreu, sendo seguido o modelo exploratório acarretou numa desapropriação da terra e expulsão dos indígenas para regiões mais afastadas de seu território tradicional, de acordo com Pe. Balduíno “eles tinham terras com mais de 8 milhões de hectares de terra, hoje tão com pouco mais de 300 mil, para nós parece muita terra né, mas o que eles tinham né, é 5% do que eles tinham antes”, afetando diretamente a subsistência do povo tradicional, limitou-se as terras e interferiu no modo de vida dos Rikbaktsa.

Em decorrência da precariedade e/ou falta de estradas a maior parte dos primeiros contatos eram realizados através dos rios, sobretudo o Juruena. Os primeiros seringueiros que vieram para explorar a borracha eram de acordo com Pe. Balduíno, ex-presidiários que vinham trabalhar em troca da redução de suas penas gerando inúmeros conflitos com os Rikbaktsa, pois “é na base do rio Juruena que eles viviam sua vida tradicional, durante centenas de anos e o próprio rio hoje virou símbolo de unidade entre as áreas do povo Rikbaktsa. O rio significa peixe em abundância, vida, significa alimento.”

Antes de sua chegada, Pe. Balduino com então, 24 anos e objetivos de ficar pelo menos dois anos em missão, tinha grandes expectativas no que se refere ao que iria encontrar, porém surpreendeu-se ao chegar: “Pra minha surpresa eu aprendi muito mais do povo indígena, do que ensinei pra eles. Porque pra mim foi surpresa, porque eles eram um povo organizado, tinham uma família bonita organizada com normas, leis muito bonitas. E sabedorias fantásticas de como ir pra dentro do mato andar, dormir e sem medo de nada das agressões de bichos como cobras, onças, ou outras coisas, tinham tudo segredos de como se defender de tudo isso aí né.”

Durante toda a sua vida, empenhou-se para a preservação da cultura Rikbaktsa e suas sabedorias milenares, sobretudo no que tange a medicina tradicional “então, eu hoje eu sou feliz porque eu levei expectativa e hoje com o trabalho da saúde natural animando a eles a não perder a riqueza que eles têm sabedoria da saúde.” (Pe. Balduino). Com as epidemias, foram obrigados a fazer uso de medicamentos alopáticos, químicos já que estas doenças eram desconhecidas do povo. Porém, depois de um árduo trabalho de valorização cultural, os Rikbaktsa recuperaram essa prática que mantém até a atualidade em consonância com os conhecimentos medicinais do não índio.

Figura 2 - Pe. Balduino junto aos Rikbaktsa



Fonte: ANDRADE, Edson Roberto de

A respeito do território Rikbaktsa, eles foram um dos poucos povos que conseguiram mantê-lo preservado evitando a exploração de minérios e madeira, isso

se deve conforme Pe. Balduino salienta o Rikbaktsa “é um povo que não mora em grandes aldeias que facilita até uma grande escola e tudo, mas mora em várias aldeias pequenas pra quê? Pra cuidar do território é uma estratégia de muitos povos na área deles tem aldeias e aí a vigilância é continua.” Mantêm a prática de cultivo de alimentos tradicionais em suas roças como o amendoim, o milho fofo, a batata, a mandioca entre outros. Apesar da inserção de outros tipos de alimentos adversos a sua cultura, eles conseguem viver com o que a mata oferece; “faltou açúcar de fora adoça com mel, ou faltou algum sal, eles tem como se virar, eles mantêm a sabedoria tradicional. Eles tinham o sal tradicional feito da raiz da Paxiuba¹⁴, da raiz da Paxiuba ela queimando daquele carvão você tira um sal bom.”

Ainda em relação ao sincretismo, Pe. Balduino fala sobre o uso das roupas, “esse é um processo hoje muito bonito, a gente vê, por exemplo, pra eles a roupa não é pra cobrir coisas que não pode ser vistas. A roupa é enfeite, eles gostam de usar roupa bonita vistosa, coloridas. Pode ver uma família, quando sai criança a criança tá toda emperiquitada, toda bem vestida bonita, porque é enfeite.”

Os povos indígenas sofreram muito com o processo exploratório, configurando num grande sincretismo e mudança de seu modo de vida. Como o Rikbaktsa sofreu esse processo, o colonizador também passou pela aculturação principalmente ao que se refere à alimentação, como narra o Pe. Balduino “pra mim, claro no começo foi um pouco difícil usar pouco sal, eles usavam pouco sal. Por exemplo, carne eu comecei comer peixe com pouco sal, assado ou cozido e percebi que me fez um bem enorme, eu suava muito antes e aos poucos fui diminuindo, apesar do calor, suava menos do que antes. Então senti na minha natureza, proveitos da alimentação.”

Os Rikbaktsa carregam grande admiração junto ao Pe. Balduino, já que muitas vezes ele ajudou o povo a se organizar e lutar por seus direitos. Em um episódio em maio de 1985, em que eles tentavam recuperar o território da aldeia

¹⁴Paxiuba: Palmeira amazônica de grande porte que chega a atingir os 20m de altura e que cresce apenas em zonas úmidas como a beira de cursos de água. A ocorrência desta palmeira encontra-se amplamente distribuída desde a Nicarágua até ao sul da Bolívia estendendo-se região Amazônica brasileira. A Paxiuba é dotada de raízes aéreas que nascem cada vez mais altas, com a passagem do tempo (podem atingir até 2 metros de raiz aérea), tem um aspecto singular que recebe a admiração dos que com ela se deparam pela primeira vez. Suas sementes são chamadas de Paxiubão. Seu nome Nome científico: *Socratea exorrhiza* pertence à família das *Arecaceae*, (Fonte: https://www.facebook.com/permalink.php?id=212512328932246&story_fbid=233412843508861 > Acesso em 31 maio, 2015)

Japuira, uma forte operação de guerra fora montada contra os Rikbaktsa com armamento pesado, 47 homens e bombas. A operação tinha por objetivo a retirada dos Rikbaktsa de suas terras tradicionais que seriam entregues a fazendeiros. Pe. Balduino estava junto aos Rikbaktsa, de acordo com Pacini (1999, p.134) “quando saiu de junto dos Rikbaktsa, no meio do rio Juruena, recebeu ordem de prisão, foi algemado e levado à cadeia no município de Juruena”. Com a pressão da Igreja e devido à prisão de um padre, os Rikbaktsa recuperaram seu território e expulsaram os invasores de seus territórios.

O Rikbaktsa B fala de como foi essa presença do jesuíta nas aldeias “nos primeiros tempos que ele chegou para trabalhar com o povo, ele era muito de imposição, de impor as coisas. Foi uma forma de catequizar os índios, tanto é que o povo aceitou e veio ser catequizado.” Com a missão de tornar o Rikbaktsa “civilizado” e devido aos enormes conflitos que ocorriam, o Pe. Balduino tomara essa atitude autoritária que com o tempo transformou-se: “depois que ele mesmo percebeu vendo a evolução dos próprios indígenas, ele mesmo falou: *Olha eu acho que eu fiz o que eu veio fazendo até aqui, não é o certo.* Ele falava com essas palavras: *vocês por serem um povo, vocês pelo fato de ter uma cultura fortíssima de vocês, então vocês tem que procurar valorizar, vocês tem que manter.*” (Rikbaktsa B, grifo nosso)

Padre Balduino passou a viver no Distrito de Fontanilhas e não mais nas aldeias, mesmo assim de longe dava apoio e ajudava na organização do povo e estava presente: “Ele foi uma das pessoas chave fundamental e muito parceiro grande, muito valioso. Eu fui um dos alunos dele e eu lembro muito das palavras dele, que ele falava ensinando na catequese dizendo: *que cedo ou mais tarde, quando a gente passasse a conhecer o mundo do capitalismo, a coisa ia passar por uma situação bem diferente, que talvez seria uma porta pra entrada da desorganização da própria população.*” (Rikbaktsa B, grifo nosso)

No relato do Rikbaktsa B, é possível perceber a preocupação do jesuíta com a subsistência econômica do povo e como a sociedade capitalista poderia influenciar na organização das aldeias fragmentando o povo, “a fala dele foi correta, o mundo capitalista não é bom, nós precisamos ter capital sim, mas para o social e não pra acumular. Nós temos que nos preparar sim, mas para um olhar mais simples, mas indígena.”

A relação do povo com o padre era íntima, de acordo com o Rikbaktsa F, “nós gostava muito do padre Balduíno, ele estava junto com nós, mesmo de longe ensinava, ajudava. Ele caçava com nós no mato, pescava, comia nossa comida. Até apanhou de fazendeiro por nós”

Da mesma forma, o jesuíta carregava a mesma admiração pelo povo e contava suas experiências, “iam pro mato levavam o arco e flecha ou a arma que já tinham, e eu falava o que vão comer? Daí a pouco achavam o mel, daí a pouco achavam uma fruta e com facilidade você passava o dia e não passava fome não e voltava até alimentado. Quer dizer nós temos uma idéia formada dentro de nós e ficamos dependentes de uma estrutura, eles não. Até hoje eles saem pro mato e voltam bem, claro tem dependências hoje de vida diferentes do contato, um exemplo a roupa. (...) A falta de experiência de eu andar, de repente o índio que tava atrás me segurou e diz: cuidado o senhor pode se machucar. Eles tinham um zelo, um cuidado, um carinho pra gente não se machucar.”

Figura 3 - Pe. Balduíno no Rio Juruena



Fonte: ANDRADE, Edson Roberto de

No domingo, 07 de setembro de 2014 os Rikbaktsa encontraram o barco do padre Balduíno abandonado perto das aldeias Areia Branca e Água Braba. Iniciaram então, uma busca incansável que só teve fim na noite de 08 de setembro quando encontraram o corpo do Pe. Balduíno próximo ao município de Castanheira. Sua morte causou grande comoção e sentimento de perda de um amigo. Porém, foi da

maneira que ele sempre quis, navegando o Rio Juruena em missão junto aos Rikbaktsa a quem dedicou 48 anos de sua vida.

Quando questionado se faria tudo de novo, Pe. Balduino respondeu: “faria, porque valeu muito a pena viver e ser feliz, porque a felicidade nossa depende de uma relação em que você entre em sintonia com as pessoas que estão, com o meio ambiente, com aquilo que está ao redor e com o projeto de futuro. O índio, por exemplo, tem consciência que ele não pode reclamar os 8 milhões de hectares de terra que ele tinha antes como território, mas por outro lado, ele tem consciência que tem o direito a viver bem naquilo que ele tem.”

8 CONCLUSÃO -FUTUROS DA RESISTÊNCIA RIKBAK TSA

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, os povos indígenas somam 896.917 pessoas no território brasileiro; destes, 324.834 vivem em cidades e 572.083 estão nas áreas rurais. Os povos indígenas significam 0,47%, aproximadamente, da população brasileira. (IBGE, 2010).

Estando espalhadas por todo o território brasileiro, a população indígena é diversa e luta para a preservação de sua cultura ao longo de todo o território. Consta que no período Brasil Colônia havia, aproximadamente, 1.000 povos, entre 2 milhões a 4 milhões de pessoas. Atualmente são aproximadamente 241 povos falantes de mais de 150 línguas.

Para a preservação da cultura indígena, em meio a inúmeros conflitos por terra e áreas delimitadas para essas populações, Os indígenas mantiveram o hábito de transmissão oral das suas histórias. A ausência da escrita faz com que, ao longo do tempo, ocorresse a perda de muitos elementos culturais, visto que muitos dos anciões indígenas já faleceram e as novas gerações acabam perdendo a trajetória de seu povo, pois com a morte deles vai junto à história oral, quebrando o elo passado-presente-futuro.

O processo colonizador no Brasil, desde o século XVI, deu-se de forma exploratória tendo como consequência a perda de várias culturas que constituíam o Brasil. A Etnia Rikbaktsa é rica em elementos culturais, rituais e tradições oriundas de seus antepassados, um povo guerreiro. Lutam para preservar suas raízes culturais e as transmitem às novas gerações.

A história registrada do município de Juína é uma história de elementos políticos e econômicos que desconsidera a história Rikbaktsa, transmitida oralmente e que mostra como foi o processo colonizador para o povo.

Quando chegou a colonização não se teve a preocupação com os povos que habitavam a região. Deram-se início a vários conflitos com o objetivo de explorar as riquezas encontradas na região Amazônica. Muitos guerreiros, mulheres, crianças, anciões perderam suas vidas. Hora vítimas de conflitos e massacres aos índios, hora por doenças epidêmicas transmitidas pelos exploradores.

Os primeiros contatos foram violentos, seringueiros versus Rikbaktsa. Com as Missões dos Jesuítas, fora feita a apaziguação, fazendo o indígena aceitar a colonização e, até, ajudar no convencimento de outras aldeias. Como resultado desse processo, percebe-se a perda do território tradicional Rikbaktsa, da língua e a morte de vários indivíduos da etnia, entre outros.

Atualmente, vivem em um território delimitado, que vive em constante ameaça, pois o mesmo é cercado por grandes lavouras que usam agrotóxicos na produção, criação de gado, a constante perseguição para exploração da madeira e do mineiro que ali existe. O Rio Juruena, de onde tiram maior parte do sustento e vivem em suas margens, vive em constante ameaça, uma vez que há vários garimpos em suas margens, é depositado o veneno usado nas lavouras, há projetos de construção de inúmeras hidrelétricas que inundarão grandes porções de terra, algumas indígenas, afetando a biodiversidade pertencente ao rio.

As tecnologias vêm sendo um grande desafio para o Rikbaktsa, uma vez que, para os mais jovens, tornam-se muito interessantes, fazendo que desconsiderem a sua cultura, ou sintam vergonha da mesma. Porém, para o Rikbaktsa é importante levar as duas, Cultura e Tecnologias, em harmonia para a sua preservação e promoção.

Como no século XVI, muitos não-índios ainda constroem o imaginário em relação ao indígena, fazendo dele alvo de preconceitos em falas como: todo o índio é preguiçoso; lugar de índio é no mato; índio quer celular para quê? Nas entrevistas foi possível perceber como é marcante isso na vida indígena, uma vez que eles estavam antes do não-índio e perderam grande parte de seu patrimônio cultural. Esses preconceitos interferem diretamente na vida dos Rikbaktsa, uma vez que fere os direitos indígenas e impedem a conquista deles.

O ser diferente ainda é alvo de preconceito para a humanidade, restando um caminho extenso a ser percorrido para a quebra de tabus. O indígena, o negro, a mulher e outras minorias, continuam sendo alvos desse preconceito. É um desafio garantir que esses grupos tenham voz, garantindo a eles seus direitos. Temos muito a aprender com o Rikbaktsa, como é a sua relação com a natureza. Não como proprietário dela, mas pertencente a ela como a água, os vegetais os animais. Como é a sua vivência comunitária, nada individualizado, mas tudo pertencente ao povo, para o povo viver. O Rikbaktsa não é individual, mas é povo.

São quase cem anos de contato, e como o Rikbaktsa B fala, “a gente permanecer nesse estado, nessa resistência, não foi fácil”. Muitas tentações passam para dividir o povo, no que tange economicamente para se vender o território do Rikbaktsa, mas ainda é forte a resposta: “a gente fala, não é dinheiro que a gente quer, a gente quer vida” (RIKBAKTSA B). Da mata que sai a vida; o dinheiro acaba-se e só beneficia um indivíduo; a mata permanece e alimenta os descendentes como fizera com os antepassados.

O Rikbaktsa ainda resiste fortemente contra as ameaças externas, continua sendo um povo guerreiro e resistente. É um desafio para eles conseguir conciliar as novas tecnologias e o contato com o mundo não-índio, porém, há junto ao povo um sentido de vida forte que é a unidade do povo. Onde o que importa é que todo Rikbaktsa possa viver bem com o que possui e tenha direito de cultivar sua cultura.

A humanidade precisa caminhar muito, para que entenda que não há divisão de povos, além daquelas criadas por nós. Ao fim se perceberá que todos fazemos parte de um mesmo povo e que somos diferentes. A diversidade é o que permite nossa sobrevivência e enriquecimento. Quando houver o respeito a nossa Casa Comum, a Terra, e a todos os habitantes dela haverá justiça, respeito e qualidade de vida. E todo ser humano poderá viver bem sendo do jeito que é e sendo orgulhoso para o ser.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual da História Oral**. 3. Ed. Rio de Janeiro-RJ. Editora FGV, 2005

ARRUDA, Rinaldo. **Representação e participação indígena nos processos de gestão do “campo indigenista”**: Que democracia? Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 7, volume 14 (1 e 2): 35-45 (2003)

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas, O Narrador**. 3. Ed. São Paulo-SP. Editora Brasiliense, 1985.

BURKE, Peter. **A Escola dos Anales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. 1. Ed. São Paulo-SP. Fundação Editora da UNESP, 1997 (p. 01-50) Disponível em <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=MoFNNabURrsC&oi=fnd&pg=PA11&dq=burke+annales&ots=AMfJ_ssGkw&sig=qrQyclmkEH12zzWEHYnrqglCOKc#v=onepage&q=burke%20annales&f=false> Acesso em 22 maio 2015.

DINIZ, Célia Regina; SILVA, Iolanda Barbosa da. **Tipos de métodos e sua aplicação**. 1. Ed. Campina Grande-PB, Biblioteca Central – UEPB, 2008.

FERRETI, Sérgio F. **SINCRETISMO E HIBRIDISMO na cultura popular**. Dissertação de doutorado (Ciências- Antropologia Social), São Paulo-SP USP, 2014

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro-RJ, Editora Paz e Terra, 1987.

GASPARETTO JUNIOR, Antônio. **Fernand Braudel** Disponível em <<http://www.infoescola.com/biografias/fernand-braudel/>> Acesso em 23 abr 2015

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. 1. Ed. São Paulo-SP. Editora 34, 2002. Disponível em <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=k7cEzL4awMAC&oi=fnd&pg=PA7&dq=quando+a+ra%C3%A7a+passou+a+ser+problema+nacional,+aboli%C3%A7%C3%A3o+teorias+de+embranquecimento&ots=52ZF1-GCHB&sig=3gjruEmZXzxcgD0d3Ly7yYmL6ls#v=onepage&q&f=false>> Acesso em 23 maio 2015

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Os indígenas no Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro-RJ. Unidade Responsável Diretoria de

Pesquisas, 2010. Disponível em
<http://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf> Acesso 21 maio 2015

IORIS, Lídio. **Juiná A Rainha da Floresta**. 1. Ed. São Paulo. All Print Editora, 2009

KELEMAN, Stanley. **Mito e Corpo: uma conversa com Joseph Campbell** (tradução Denise Maria Bolanho), 3. Ed. São Paulo-SP. Editora Grupo Editorial Summus, 2001

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. 1. Ed. São Paulo-SP. Editora Brasiliense, 2003

_____. **O que é imaginário**. 1. Ed. São Paulo-SP. Editora Brasiliense, 2005

LEITE, Dante Moreira. **O Amor Romântico e outros temas**. 3. Ed. São Paulo- SP, Editora UNESP, 2007

MAGNOLI, Demétrio. **O Corpo da Pátria: imaginação geográfica e política externa do Brasil (1808, 1912)**. 1. Ed. São Paulo-SP. Editora da Universidade Estadual Paulista: Moderna, 1997. Disponível em
<<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=xp0jEi9VGpsC&oi=fnd&pg=PA7&dq=Magnoli&ots=bvsVjEYyBu&sig=TL8UnAQXBU5DMHvcOs4dfYkeJaQ#v=onepage&q=Magnoli&f=false>> Acesso em 24 abr 2015

MARTINEZ, Mônica. **Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. 1. Ed. São Paulo. Editora Annablume, 2008. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=tk09o2QdU44C&oi=fnd&pg=PA19&dq=Jornada+do+her%C3%B3i:+a+estrutura+narrativa+m%C3%ADtica+na+constru%C3%A7%C3%A3o+de+hist%C3%B3rias+de+vida+em+jornalismo&ots=hP621JXgA-&sig=yeKBhs9QvFE-Ro3FTY1CTwIPbww#v=onepage&q=Jornada%20do%20her%C3%B3i%3A%20a%20estrutura%20narrativa%20m%C3%ADtica%20na%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20hist%C3%B3rias%20de%20vida%20em%20jornalismo&f=false>> Acesso em 12 mar 2015

NASCIMENTO, Lidiane Alves do. RAMOS, Marilúcia Mendes. **A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras**. Dissertação de doutorado em Letras e Linguísticas, Universidade Federal de Goiás, 2011

NETO, Vitale Joanoni. **AMAZÔNIA: DA LENDA DO OURO VERDE À UTOPIA DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTADO. A CONTRIBUIÇÃO DAS COMUNIDADES CATÓLICAS.** ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1035.pdf>> Acesso em 16 maio 2015

OLIVEIRA, Mileide Terres de. **Educação Rikbaktsa no Cotidiano Urbano Juinense: Uma ponte para a valorização da Diversidade.** TCC graduação em Letras, 2011. Apresentada ao Curso de Letras da faculdade de Administração do vale do Juruena - AJES, Disponível em: <www.biblioteca.ajes.edu.br/.../monografia_20120321121436.pdf> Acesso em: 10 jan 2015.

ORTIZ, Renato. **Notas históricas sobre o conceito de cultura popular.** 5. Ed. Helen Kellogg Institute for International Studies, University of Notre Dame, 1986. Digitalizado, 2008

PACINI, Aloir. **Pacificar Relações Interétnicas e Territorialização dos Rikbaktsa.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 1999.

PIRES, Paula Wolthers de Lorena. **Rikbaktsa: um estudo de Parentesco e Organização Social.** 2009.196f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../PAULA_W_LORENA_PIRES.pdf> Acesso em 05 mar 2015.

Portal do Mato Grosso. **Massacre do Paralelo Onze.** Disponível em <<http://www.mteseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=333&cid=17750>> Acesso 16 maio 2015.

PRADO, Antônia Antunes. **Conceitos de homem e de educação no Brasil no período do Estado Novo (1937-1945).** UFRJ, 4 de jul 1995

SCHILLING, Voltaire. **Carta de Pero Vaz de Caminha.** Porto Alegre-RS, 2013 Disponível em <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/carta_caminha.html> . Acesso em 23 mar 2015.

SILVA, Rovilson José da. **A virgem dos lábios de mel, José de Alencar e Chico Buarque.** Londrina- PR 2003 Disponível em
<http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=98> acesso 26 de mar de 2015

ZOTTI, Solange Aparecida. **Sociedade, Educação e Currículo no Brasil: dos Jesuítas aos anos 1980.** 1. Ed. Campinas-SP. Editora Plano, 2004. Disponível em:
<<https://books.google.com.br/books?id=9ZyCdrVMe30C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>> Acesso 22 maio 2015